****

**A ovelha perdida**

**Vigésimo quarto domingo do Tempo Comum**

Irmãs e irmãos amados, espero encontrar vocês em plena paz!

Estamos, ao longo das últimas semanas, atentamente caminhando com Jesus em sua viagem espiritual para Jerusalém, enriquecendo-nos com sua maravilhosa catequese. Ouvindo seus ensinamentos sobre o verdadeiro caminho do discipulado e optando por seguir tais orientações, seremos capazes de evoluir espiritualmente, o que nos possibilita, além de nos alimentarmos com suas verdades, vivenciar tais ensinamentos onde quer que estejamos, construindo, cotidianamente, o Reino de Deus em nosso meio. Nessa caminhada, Jesus chama-nos a atenção para o valor indevido que damos aos bens materiais, e sobre importância de permanecermos vigilantes em relação aos nossos pensamentos e ações. Além disso, o Mestre nos lembra da necessária escolha sincera e determinada para que acessemos, de fato, o seu “Reino”, convite este feito a todos, indiscriminadamente, pois todos somos capazes de faze-lo, desde que tenhamos uma vida pautada na humildade, repleta de ações ao próximo de forma compassiva, com plena gratuidade e movido pelo amor desinteressado.

No capítulo 15 do Evangelho de Lucas, deparamo-nos com Jesus apresentando as três parábolas da misericórdia: a da ovelha perdida, a do dracma perdido e a do filho pródigo. Neste domingo, o décimo quarto do tempo comum, deteremo-nos nas duas primeiras, às quais convidamos vocês para que, juntos, reflitamos sobre as divinas mensagens que elas nos apresentam, identificando como podemos aplicá-las em nossa vida diária.

1Todos os publicanos e pecadores estavam se aproximando para ouvi-lo. 2Os fariseus e os escribas, porém, murmuravam: “Esse homem recebe os pecadores e come com eles!” 3Contou-lhes, então, esta parábola: 4“Qual de vós, tendo cem ovelhas e perder uma, não abandona as noventa e nove no deserto e vai em busca daquela que se perdeu, até encontrá-la? 5E achando-a, alegre a coloca sobre os ombros 6e, de volta para casa, convoca os amigos e os vizinhos, dizendo-lhes: ‘Alegrai-vos comigo, porque encontrei a minha ovelha perdida!’ 7Eu vos digo que do mesmo modo haverá mais alegria no céu por um só pecador que se arrependa, do que por noventa e nove justos que não precisam de arrependimento. 8Ou qual a mulher que, tendo dez dracmas e perder uma, não acende uma lâmpada, varre a casa e procura cuidadosamente até encontrá-la? 9E encontrando-a, convoca as amigas e vizinhas, e diz: ‘Alegrai-vos comigo, porque encontrei a dracma que havia perdido!’ 10Eu vos digo que, do mesmo modo, há alegria diante dos anjos de Deus por um só pecador que se arrependa” (Lc 15,1-10) 14,25-33

É impressionante a riqueza da catequese de Jesus durante sua caminhada de volta para Jerusalém, com vistas a cumprir sua messiânica missão, o maior ensinamento de todos, o exemplo mais emblemático que poderia ser-nos dado: a doação de si mesmo pela salvação de todos. Jesus, não apenas nos ensinou, não somente nos mostrou o caminho para nossa vida discipular, mas exemplificou, em cada momento que permaneceu conosco com sua natureza humana, a como sermos perfeitos (santos), assim como o Pai celeste o é (Mt 5,48).

Somos presenteados, hoje, com duas das três parábolas da misericórdia, pelas quais Jesus nos mostra o caminho da compaixão, da doação, do perdão e, igualmente, da aceitação de sermos perdoados.

Lucas, em seu capítulo 15, inicia sua narrativa com mais um exemplo dado por Jesus com a ausência total de qualquer tipo de discriminação em suas atitudes, deixando-se aproximar e acolhendo todos que assim desejassem, independente de sua origem, de sua fé e até mesmo de suas falhas. Imagem semelhante nos é apresentada por Mateus ao relatar a refeição de Jesus com os pecadores (Mt 9,10-13).

Causa-nos perplexidade toda vez que nos deparamos com Jesus acolhendo compassivamente todos que dEle se aproximam e o tão distante que estamos de tal exemplo, por mais que desejemos e que alardeemos nossa busca pelo caminho da santidade, da auto-realização. Como estamos longe do exemplo do Mestre, mesmo nos intitulando cristãos e seus seguidores. Sem dúvida, falta-nos muito nesse caminhar discipular. Precisamos, ainda, sobremaneira, atentarmo-nos para os ensinamentos deixados por Jesus e, de firme propósito, mergulharmos na sua Verdade, para que ela não seja somente ouvida e refletida, mas para que, ao ser internalizada, extravase de nós por meio de nossas ações.

Não devemos almejar o discipulado cristão meramente pela forma, mas principalmente pelo conteúdo. Jamais seremos verdadeiros discípulos de Jesus se nos limitarmos às ascese, às ações devocionais e às práticas cerimoniais. Estejamos sempre atentos ao Cristo, a seu exemplo, enquanto conosco esteve presente como Jesus histórico. Ele vivia o amor fraterno, Ele praticava, cotidianamente, a compaixão com o outro, Ele via na mulher e no homem a sua volta, não as limitações humanas, as falhas e as mazelas mundanas, mas sim a centelha divina existente em cada um. O nosso revestimento humano jamais obstaculiza, naquela época e em todos os tempos, a sua visão sempre focada na santidade em potencial presente em cada um de nós.

Ao longo de sua presença catequética no mundo, Jesus sempre demonstrou que estava, e ainda está, de braços abertos a todos os seres, limitados e pecadores, assim como foi narrado por Lucas no início do Evangelho de hoje. Ele estava, não apenas recebendo pecadores, mas comendo com eles, o que, para os hábitos da época, representava intimidade e laços de amizade. Neste e em diversos outro episódios, Jesus demonstra ser amigo dos pecadores e estar sempre voltado a eles, o que não quer dizer que acolha o pecado e a limitação humana propositalmente alimentada pelas ilusões deste mundo.

Além de demonstrar com suas ações habituais, Jesus explicita, por meio de parábolas, que Ele está sempre direcionando sua atenção para o retorno dos perdidos, dos desgarrados, daqueles que se afastam do bem e do amor desinteressado, daqueles que rompem seus lações compassivos com o próximo.

Vemos nas duas parábolas de hoje, tanto na procura pelo pastor da ovelha que se afastou do rebanho (vv 4-6), como na busca cuidadosa da mulher pela dracma perdida (vv 8-9), a plena alegria do encontro, do resgate do que lhe faltava, mesmo que seja apenas uma unidade diante da totalidade existente. Comparativamente, Jesus destaca a importância daqueles que regressam do afastamento decorrente do equívoco humano e a “alegria” divina diante do arrependimento daqueles que, novamente, se aproximam após sua fuga para o mundo.

A alegria do pastor que reencontra sua ovelha perdida, uma apenas, mesmo mantendo próximo de si todo o restante do seu rebanho, não é por uma questão de posse recobrada, o mesmo pode ser dito em relação ao exemplo da segunda parábola. Jesus não nos mostra a importância do recobrar a propriedade, do “ter de volta”, mas sim a certeza da proximidade com o ser amado, o reconectar com aquele que, temporariamente, estava longe. A “alegria no céu”, alegoricamente apontada por Jesus, é decorrente, não por ter mais um sob seu comando ou seu controle, mas por ter menos um sofrendo pela falta de alimentação espiritual, menos um sem a devida nutrição para seguir o caminho evolutivo em direção à santidade.

Lembremo-nos sempre de que Deus não precisa de nosso arrependimento, não necessita de nossa reaproximação e da retomada de nosso caminhar discipular. A “alegria no céu” é devida ao infinito e divino amor que perpassa por todos os seres, o qual, apesar de nosso livre arbítrio para nos nutrirmos desse amor, tal atitude nos leva, novamente, à continuidade do crescimento espiritual. Quem é o maior beneficiado com o retorno da ovelha perdida? A própria ovelha, pois estará segura junto com o rebanho do qual pertence e protegida pelo seu amoroso pastor.

No que concerne ao pecador, devemos estra atentos ao perigo do indevido uso das meias verdades. Ao dizerem o fariseus que Jesus é amigo dos pecadores, poderia parecer que Ele é um deles ou que fica à vontade no meio do pecado. De fato, tal aparente verdade, distorção da realidade, esconde o verdadeiro amor que Deus tem por nós, todos nós, que somos, indiscriminadamente, pecadores e limitados. Diferentemente da ideia do amor pelo pecado ou pelas limitações humanas. Como é bom saber que Deus nos acolhe, independentemente de quem somos! Como é confortável sentir a amorosidade divina universal, permitindo meu retorno após cometer falhas, acolhendo-me depois de abandoná-lo quando vou contra meu irmão!

E é este um outro ponto que devemos nos atentar: devemos ter a humildade para retornar aos braços de Deus, e perceber o que é, de fato, o verdadeiro perdão. O amor divino é distinto desse sentimento que dizemos ter quando expressamos amor a alguém. Temos dificuldade de, sequer, perdoar agressões, traições ou qualquer outra ação contra nós das pessoas que dizemos que amamos. Limitamo-nos ao prazer da proximidade com o outro desde que não sintamos ser abandonados, ou atacados.

Que saibamos, humildemente, aproximar-nos sempre de Deus, independente de nossas falhas e limitações e que consigamos acolher, da mesma forma que Ele nos acolhe, todos aqueles que, por alguma razão, afastaram-se de nós ou nos agrediram de algum modo. Pois a busca do discipulado cristão aponta para que sejamos iguais a Cristo Jesus, não em parte, ou em alguns momentos, mas que possamos evoluir espiritualmente para que sejamos, de fato, sua presença viva no mundo.

Um fraterno abraço e fiquem na paz de Deus!

Milton Menezes